



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17^º EDIÇÃO INTERNACIONAL

19^º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11^º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

DA PELE AO ROSTO: POR UMA ANÁLISE CROMÁTICA CRÍTICA NA CONSULTORIA DE IMAGEM

From Skin to Face: Toward a Critical Chromatic Analysis in Image Consulting

Oliveira, Luiza Magalhães; Mestre; Ecole Supérieure de Relooking, mentoraluizamaoliveira@gmail.com¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise crítica das metodologias de coloração facial praticadas no mercado brasileiro e global de consultoria de imagem. Fundamentado na fenomenologia da cor, nos princípios da Gestalt, no sistema tridimensional de Munsell e no método sazonal expandido, o estudo propõe uma revisão teórico-metodológica da coloração facial e uma abordagem comunicacional de seu uso, posicionando-a como recurso de leitura não-verbal.

Palavras-chave: Coloração facial; teoria da cor, comunicação não-verbal

Abstract

This article proposes a critical analysis of facial color analysis methodologies practiced in the Brazilian and global image consulting markets. Grounded in the phenomenology of color, Gestalt principles, Munsell's three-dimensional system, and the expanded seasonal method, the study offers a theoretical-methodological review of facial color analysis and a communicational approach to its use, positioning it as a tool for nonverbal reading.

Keywords: Facial color analysis; color theory, nonverbal communication

¹ Graduada e Mestre em Comunicação Social (PUC Minas), é pós-graduada em Consultoria de Imagem Guiada pelo Rosto (Persoona School). É docente desde 2017 na Ecole Supérieure de Relooking, no Brasil e em Londres.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

A coloração facial é uma das ferramentas mais difundidas na prática contemporânea da consultoria de imagem, frequentemente apresentada como etapa fundamental para a construção de uma imagem harmônica. Apesar de sua popularização, observa-se uma fragilidade metodológica significativa na forma como essa análise é conduzida, sobretudo no mercado brasileiro, mas também no mercado global. Predominam critérios subjetivos — como o suposto rejuvenescimento da pele ou a eliminação de imperfeições — que não apenas carecem de respaldo técnico e científico, como também reforçam discursos que reforçam padrões estéticos ageístas. Esse cenário evidencia uma lacuna que compromete a credibilidade da prática e sua relevância como recurso técnico.

Diante desse problema, este artigo propõe uma abordagem crítica e fundamentada da coloração facial, reposicionando-a no campo da comunicação não-verbal e da percepção visual. Para tanto, mobiliza-se um referencial teórico interdisciplinar: a fenomenologia da luz e da cor, conforme discutida por Leonardo da Vinci, Newton e Chevreul; os princípios perceptuais da psicologia da Gestalt, que enfatizam a natureza relacional da percepção cromática; e a teoria tridimensional de Albert Munsell, que articula temperatura, valor e saturação em um sistema integrado. Também se considera o método sazonal expandido de Spillane e Sherlock, cuja ampla difusão no mercado é acompanhada de aplicações muitas vezes equivocadas.

A metodologia adotada é qualitativa e compreensiva, fundamentada em revisão bibliográfica crítica e na experiência empírica da autora, docente há nove anos na área de consultoria de imagem e formadora em análise cromática na Ecole Supérieure de Relooking no Brasil e em Londres — aplicando uma metodologia validada pela Associação Internacional de Consultoras de Imagem da Itália.

O objetivo deste estudo consiste em: (1) evidenciar os principais equívocos conceituais que comprometem a prática da análise cromática facial; (2) propor uma revisão metodológica que considere o rosto como um conjunto integrado de cores, em consonância com princípios perceptuais; e (3) apresentar uma fórmula inédita que correlaciona temperatura, valor e saturação, baseada no sistema de Munsell, demonstrando como sua aplicação precisa ser resgatada nas práticas contemporâneas de coloração facial.

Como contribuição, o artigo busca fortalecer o amadurecimento teórico-metodológico da consultoria de imagem, reposicionando a coloração facial como um recurso técnico de legibilidade visual e de construção de



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sentidos na comunicação não-verbal, e não como instrumento de camuflagem estética. Reconhece-se, entretanto, a limitação de não aprofundar criticamente a genealogia dos discursos estéticos que influenciaram a consolidação da prática na indústria cosmética norte-americana, aspecto que poderá ser explorado em investigações futuras.

Além disso, este estudo se distingue pela originalidade ao propor uma sistematização inédita que articula teoria da cor, psicologia da forma e comunicação não-verbal, aplicada à prática profissional e validada em contexto internacional. Entre os resultados esperados, destacam-se a demonstração da inconsistência das análises que reduzem a harmonia cromática à pele isolada, a constatação de que cartelas de cor são mutáveis diante de alterações contextuais e cosméticas, e a apresentação da fórmula “Valor + Temperatura = Saturação” como síntese metodológica de base munselliana. As implicações dessa abordagem abrangem tanto o campo técnico — com a necessidade de reformulação dos protocolos de formação em análise cromática — quanto o social, ao criticar práticas que naturalizam padrões estéticos e reproduzem vieses ageístas sob o disfarce de consultoria de imagem.

Uma revisão teórico-metodológica da coloração facial: reposicionando-a como recurso de comunicação não-verbal

A compreensão da cor enquanto fenômeno é o ponto de partida para se estabelecer o primeiro critério técnico que deve condicionar uma análise de coloração facial: a percepção da cor é contextual e, portanto, transitória. Essa afirmativa está fundamentada, primariamente, na visão fenomenológica de Leonardo da Vinci, que destacou em sua publicação *Tratado da Pintura* (1651), o quanto a interação entre luz, sombra e superfície, interferem numa compreensão cromática.

Há que se considerar também a colorimetria científica de Isaac Newton que, no campo da física, demonstrou em *Opticks* (1704), como a refração da luz, ao atravessar um prisma, desdobrava-se em um espectro de cores de frequências diversas. Por fim, deve-se incluir a formulação da teoria do contraste simultâneo de Michel Eugène Chevreul (1854), que ao trabalhar com tingimento de fios para composição de tapetes, observou o quanto a percepção de uma cor dependia das demais cores que a circundavam.

As referências citadas possuem considerável relevância e podem desmistificar a afirmativa equivocada, porém muito difundida no campo da coloração facial, de que uma cartela de cores não muda. Se a cor, em sua



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

fenomenologia, é uma propriedade da luz e, portanto, não só está em constante movimento, como interage com o seu meio; há que se considerar que não cabe a uma cor uma definição permanente, mas uma compreensão de sua frequência, na conjuntura em que ela se apresenta.

A ideia aristotélica de que a cor é uma propriedade intrínseca dos objetos, ainda propagada na consultoria de imagem contemporânea pelo viés de que a cor da pele não muda (e que, portanto, uma resultante de análise cromática em uma cartela de cores também não se altera); não só foi revogada a partir das descobertas dos autores acima citados; como foi superada através dos estudos da percepção visual, que reforçam o caráter relacional da cor.

Os desdobramentos desses referenciais, no que tange a prática da coloração facial, devem servir para refutar uma análise cromática cuja resultante se dá de maneira irrevogável, além de contrapor análises com hiperfoco na cromia da pele, a fim de considerar como todo o conjunto de cores da face interage. Sobre esse último aspecto, cabe ainda afirmar que, de acordo com a psicologia da Gestalt, a percepção não se dá através de elementos aleatórios, mas por meio de conjuntos organizados (KOFFKA, 1935).

Ainda à luz da Gestalt que, ao explicar muitos dos processos perceptuais do cérebro humano, auxilia na criação de composições visuais mais eficazes, coerentes e funcionais; pode-se considerar que a mesma é de suma relevância nos critérios de construção de uma imagem, já que seus princípios podem guiar o olhar e produzir mensagens mais intencionais (KOFFKA, 1935).

Nesse sentido, sugere-se a adoção de outros quatro critérios técnicos que devem condicionar uma análise de coloração facial: 1 – o princípio da pregnância da forma, que compreende que o que se impõe ao observarmos um conjunto visual é o todo, e não elementos isolados; 2 – o princípio da similaridade, que entende como harmônicos elementos que se repetem, sendo esses percebidos como parte de um mesmo grupo; 3 – o princípio da continuidade, que sugere o fluxo do olhar naquilo que se repete, que é similar; 4 – por fim, o princípio da figura-fundo, que afirma que o olhar organiza o que é o objeto de destaque – a figura – e o seu suporte – o fundo. (KOFFKA, 1935).

Na coloração facial, esses critérios se desdobram da seguinte maneira em um passo a passo de análise cromática: 1 – a importância de se definir, primariamente, aquilo que se impõe como característica dominante de



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

cor em uma face (se temperatura, ou valor, ou saturação); 2 – o que corresponde, em termos de referência cromática, a essa característica prevalescente (como a característica dominante pode ser validada através do uso dos têxteis de mesma correspondência cromática); 3 – o que gera mais fluxo do olhar em termos de estação correspondente à característica dominante validada, e que portanto resulta em harmonia por se assemelhar integralmente ao conjunto de cores do rosto; 4 – o quanto uma resultante que é harmônica por ser similar ao rosto se torna o suporte, como elemento de design, para o objeto de destaque que é o próprio rosto de uma pessoa. Cabe lembrar que, na construção de uma comunicação não-verbal, o rosto gera 80% dos sentidos dessa comunicação, segundo o princípio de Pareto², e tem significativo impacto sobre os outros 20%, que são o próprio corpo. Estudos em comunicação não-verbal também indicam que cerca de 80% das mensagens interpessoais são processadas pelo rosto (BIRDWHISTELL, 1970).

Observa-se que todos os critérios acima apresentados não se relacionam com uma diretriz cosmética da coloração facial. Embora seja possível afirmar que aprimoramentos dermocosméticos na face podem produzir efeitos benéficos para um sentido de comunicação que se deseja produzir sobre uma pessoa (e isso também faça parte da construção da aparência e, portanto, da imagem), entende-se que uma observação empírica sob esse viés cabe a quem trabalha com a dermatologia e/ou com a dermocosmética, e não com profissionais que desenvolvem um projeto de identidade visual sugerindo elementos de design para compor a aparência de modo a direcionar, intencionalmente, os sentidos da comunicação não-verbal de uma pessoa.

É sabido que boa parte da diretriz cosmética da coloração facial deriva de uma série de autores do ramo, todos eles com experiência na indústria de cosméticos norte-americana. O intento de utilizar cores para sanar questões dermatológicas, embora justificável em suas proposições, haja vista o campo de atuação dos mesmos; podem não fazer sentido numa aplicação prática de consultores de imagem que são especialistas em trabalhar com a comunicação de seus clientes.

Ademais, muitas dessas proposições culminam em critérios, até então, subjetivos (e questionáveis) de análise, como aquilo que favorece a aparência de uma pessoa, tornando-a mais jovem e, portanto, mais bela. É

² Vilfredo Pareto (1848 – 1923) foi um economista italiano que observou um padrão, um princípio de distribuição de 80/20, no qual 80 corresponde ao foco do impacto sobre 20.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

preciso considerar quão arriscada é a adoção de uma prática calcada em um discurso que impõe padrões estéticos sob um olhar ageísta, especialmente considerando que a consultoria de imagem defende a personalização de um projeto visual de imagem a partir de um desejo que se inscreve num Sujeito³.

Seria proveitosa uma análise crítica de todo o referencial metodológico que apresenta tais perspectivas nesse trabalho; mas reconhece-se a limitação do mesmo em não se aprofundar nesses aspectos em vista do recorte metodológico proposto. Ainda assim, cabe afirmar que a coloração facial deve ser compreendida como recurso técnico de legibilidade e expressão, não como instrumento de camuflagem estética. Quando a cor é aplicada para “esconder” manchas ou linhas de expressão, o foco está em adequar o rosto a padrões estéticos. Quando aplicada para reforçar a lei da boa forma, a similaridade, continuidade e o esquema figura-fundo, a coloração atua como ferramenta de comunicação.

Segue-se, então, para mais proposições teórico-práticas com o objetivo de continuar a revisão metodológica da coloração facial, abordando o fundamento em teoria da cor do principal método de análise utilizado no mercado e como o mesmo tem sido também aplicado de maneira equivocada no contemporâneo.

Entre Munsell e o método sazonal expandido: equívocos e novas proposições para a coloração facial

O fundamento em teoria da cor que embasa o método sazonal expandido, criado por Mary Spillane e Christine Sherlock (1987), sendo o mais difundido no mercado da consultoria de imagem, a nível nacional e global; está calcado em Albert Munsell (1905), um pintor e professor de arte norte-americano que criou um sistema de cores próprio, no qual é possível especificar uma determinada cor através de três dimensões interdependentes: temperatura (quente ou fria), valor (clara ou escura) e saturação (suave ou intensa).

Diferentemente da prática atual de coloração facial na consultoria de imagem, que analisa tais dimensões separadamente; a proposta de Munsell não dissocia esses atributos, mas observa sua relação dinâmica, que foi inclusive ilustrada em um esquema tridimensional de cores, representado por um espaço cilíndrico com três eixos:

³ Aqui a palavra Sujeito se inscreve com o S maiúsculo por se tratar de uma referência lacaniana, na qual indica o quanto a linguagem, o inconsciente e a fala o afetam



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

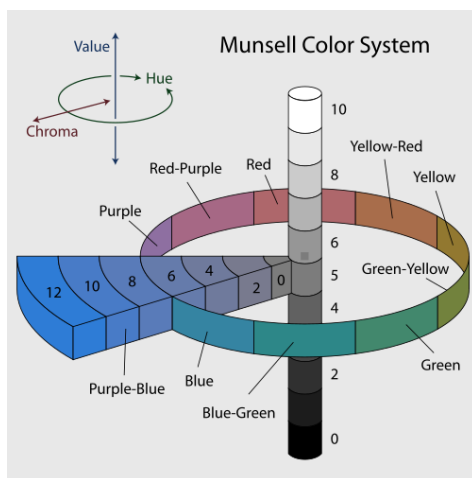
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Sistema cromático de Munsell, 1905.



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Munsell_color_system

Ainda que essa imagem demonstre visualmente como as dimensões se correlacionam, para uma compreensão mais didática de como as características das cores estão interligadas, serão utilizadas árvores cromáticas de Munsell, uma vez que as mesmas demonstram exatamente o que ocorre com uma cor em termos de saturação a partir da interferência da luz.

Observa-se, inicialmente, a árvore cromática do amarelo, uma cor cuja temperatura é quente; para, em seguida, analisar a árvore cromática do azul, uma cor cuja temperatura é fria:



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

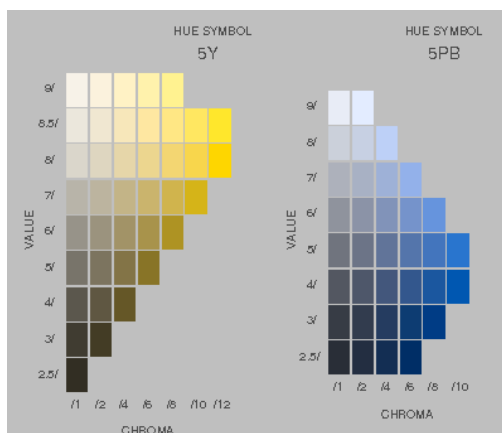
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 2: Árvore cromática de Munsell, 1929



Fonte: https://www.itp.uni-hannover.de/fileadmin/itp/emeritus/zawischa/static_html/introcol.html

Tratando-se do amarelo: na dimensão clara da luz, é perceptível identificar a coloração amarelada, bem como a sua saturação mais elevada. Porém, na dimensão escura da luz, a cor perde a sua saturação, tornando-se descaracterizada, amarronzada. O que esse esquema demonstra é que uma cor quente, na claridade, permanece com saturação intensa; porém, uma cor quente, na escuridão, dessatura, tornando-se suave.

Tratando-se do azul ciano: na dimensão clara da luz, não é perceptível, em alguns pontos, identificar a coloração azulada, pois a cor dessatura na claridade, tornando-se acinzentada. Porém, a medida em que a cor é escurecida, ela ganha saturação, tornando-se mais intensa. O que esse esquema demonstra é que: uma cor fria, na claridade, dessatura, tornando-se suave; porém, uma cor fria, na escuridão, ganha saturação, tornando-se intensa.

Traduzindo de maneira ainda mais didática, pode-se dizer que a claridade é a luz das cores quentes, é o que dá vida a elas; e que toda cor quente quando é escurecida, morre e vai para debaixo da terra, tornando-se amarronzada. Também é possível afirmar que a escuridão é a luz das cores frias, é o que dá vida a elas; e que toda cor fria quando é escurecida, ressurgue das cinzas, tornando-se vívida, intensa.

A relação entre temperatura, valor e saturação no sistema cromático de Munsell pode ser didaticamente demonstrada através de uma fórmula proposta pela autora deste artigo, sendo a mesma desdobrável em quatro



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

resultantes possíveis. Considera-se primariamente a dimensão de valor na fórmula por ser a mesma a que representa a luz, sendo a luz o principal norteador de percepção cromática:

Figura 3: Relação entre temperatura, valor e saturação em Munsell

VALOR +	TEMPERATURA =	SATURACÃO
Valor CLARO +	Temperatura QUENTE =	Saturação INTENSA
Valor ESCURO +	Temperatura QUENTE =	Saturação SUAVE
Valor CLARO +	Temperatura FRIA =	Saturação SUAVE
Valor ESCURO +	Temperatura FRIA =	Saturação INTENSA

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Observando o esquema acima, pode-se afirmar primariamente que ele corresponde ao descritivo das estações do método sazonal expandido, sendo a primavera a estação de temperatura quente, clara e intensa; o outono a estação de temperatura quente, escura e suave; o verão a estação de temperatura fria, clara e suave; e o inverno a estação de temperatura fria, escura e intensa (SPILLANE; SHERLOCK, 1987).

Quaisquer resultantes divergentes dessas não estão de acordo com a fundamentação teórico-metodológica proposta por Munsell (1905). Ainda assim, o que se observa comumente em práticas de coloração facial é a dissociação dessas três dimensões, em um método de análise que pode gerar equívocos ao considerar, separadamente, temperatura, valor e saturação. Ao seguir uma aplicação metodológica que considera a alternância entre temperatura (a beleza é quente ou fria), valor (a beleza é clara ou escura) e saturação (a beleza é suave ou intensa), resultados equivocados em relação ao pensamento de Munsell podem surgir, a saber: Valor CLARO + Temperatura QUENTE = Saturação SUAVE; Valor ESCURO + Temperatura QUENTE = Saturação INTENSA; Valor CLARO + Temperatura FRIA = Saturação INTENSA; Valor ESCURO + Temperatura FRIA = Saturação SUAVE.

Cabe ainda observar que as correlações entre as três dimensões da cor, bem como os princípios da Gestalt aplicados em um passo a passo de análise, refutam o uso de tecidos durante os testes como prova incontestável



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de diagnóstico. Tecidos não revelam a “verdadeira cor” de uma pessoa; apenas demonstram efeitos de refração e contraste da luz em determinadas condições, e servem como recurso didático para o cliente, a fim de que ele compreenda todo o processo de análise. O risco está em atribuir aos tecidos um caráter quase místico, em vez de entendê-los como recursos auxiliares de demonstração.

Ao evidenciar a correlação dinâmica entre temperatura, valor e saturação através do sistema cromático de Munsell; e ao propor o uso de princípios da Gestalt como critérios de análise durante um teste de coloração; demonstra-se que a análise cromática não pode ser conduzida a partir da dissociação isolada de suas dimensões, nem a partir da cor isolada da pele, e nem mesmo como um recurso meramente cosmético. A coloração deve ser encarada como um processo cuja dinâmica das cores da face é interdependente e contextual. Deve-se igualmente considerar que fatores como transformações naturais (envelhecimento, mudanças hormonais) e artificiais (tingimento de cabelo, lentes de contato, maquiagem) podem intervir nessa dinâmica, propondo novas resultantes em termos de característica cromática dominante e, portanto, estação correspondente.

Esse resgate teórico-metodológico corrige equívocos recorrentes na prática contemporânea, oferecendo um caminho mais sólido e preciso para fundamentar a coloração facial. Mais do que um ajuste técnico, trata-se de reposicionar a cor como recurso de leitura e expressão, capaz de ampliar a potência comunicacional do rosto e contribuir para a construção de mensagens não-verbais consistentes. Trata-se também de posicionar o consultor de imagem como verdadeiro especialista da cor, entendendo que o seu domínio técnico oferece propriedade para qualquer análise cromática. A partir dessa base, é possível avançar para uma conclusão crítica sobre o papel da cor na consultoria de imagem, não como instrumento de correção estética, mas como ferramenta qualificada de comunicação não-verbal.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a coloração facial, embora amplamente difundida na consultoria de imagem, ainda se encontra marcada por fragilidades metodológicas e pela perpetuação de critérios subjetivos que reforçam padrões estéticos ageístas. Muitas práticas atuais reduzem a análise a efeitos



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ilusórios de “rejuvenescimento” ou de camuflagem de imperfeições, distanciando-se de sua função original: oferecer uma leitura técnica e precisa de comunicação não-verbal.

A revisão proposta, fundamentada na fenomenologia da cor, nos princípios perceptivos da Gestalt e no sistema tridimensional de Munsell, buscou reposicionar a prática em bases mais consistentes, afastando-a do caráter meramente cosmético e reorientando-a como recurso de design aplicado à comunicação visual. O resgate de autores clássicos, como Leonardo da Vinci, Newton e Chevreul, aliado às contribuições de Munsell e da Gestalt, demonstra que a cor deve ser compreendida em sua dimensão relacional e contextual, e não como atributo fixo e imutável. Nesse sentido, a noção de cartelas cromáticas permanentes, ainda muito propagada no mercado, revela-se incompatível com uma compreensão científica e fenomenológica da cor. O rosto, enquanto unidade perceptiva central da comunicação não-verbal, deve ser analisado em sua totalidade cromática — pele, olhos e cabelos — e não reduzido a uma leitura isolada da pele ou a padrões estéticos padronizados.

A aplicação da tríade de Munsell (temperatura, valor e saturação) permitiu, ainda, a formulação de um modelo interpretativo que corrige distorções comuns de aplicações práticas do método sazonal expandido. Esse modelo reafirma que a interação entre dimensões cromáticas é dinâmica e indissociável, fornecendo um parâmetro técnico mais preciso e aplicável. A sistematização da fórmula “Valor + Temperatura = Saturação” sintetiza essa contribuição, evidenciando a interdependência dos atributos cromáticos e desmistificando abordagens que os analisam separadamente de forma equivocada. Assim, a coloração facial ganha novo estatuto: não o de correção estética, mas o de ferramenta técnica que, em conjunto com os princípios da Gestalt, serve para direcionar sentidos visuais e favorecer a coerência entre aparência e identidade comunicacional.

As implicações práticas dessa revisão são amplas: sugerem a reformulação dos protocolos de formação em análise cromática, desconstruem a ideia dos tecidos como instrumentos “mágicos” de revelação de cor e reforçam a necessidade de reposicionar a coloração facial no campo técnico-comunicacional. No plano social, a crítica ao viés ageísta e à medicalização cosmética alerta para os riscos de naturalizar padrões de beleza sob o disfarce de consultoria de imagem.

Reconhece-se, contudo, a limitação deste estudo em não aprofundar a genealogia histórica e os impactos socioculturais dos discursos estéticos que moldaram a origem da coloração facial, sobretudo no contexto da



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

indústria cosmética norte-americana, além da ausência de métricas quantitativas comparativas entre diferentes abordagens. Esses aspectos, embora fundamentais, extrapolam o escopo metodológico aqui delimitado e abrem caminho para futuras investigações. Ainda assim, ao propor uma revisão crítica e fundamentada, bem como uma fórmula estrutural para a relação entre temperatura, valor e saturação, este artigo contribui para o amadurecimento da consultoria de imagem como campo de conhecimento, consolidando a coloração facial como um recurso técnico, ético e comunicacionalmente relevante.

Referências

BIRDWHISTELL, Ray L. *Kinesics and context: essays on body motion communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

CHEVREUL, Michel Eugène. *The principles of harmony and contrast of colors and their applications to the arts*. London: Routledge, 1854.

DA VINCI, Leonardo. *Tratado da pintura*. 1651. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2025.

KOFFKA, Kurt. *Principles of Gestalt psychology*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

MUNSELL, Albert H. *A color notation*. Boston: G. H. Ellis, 1905.

NEWTON, Isaac. *Opticks: or, a treatise of the reflections, refractions, inflections and colours of light*. London: Royal Society, 1704.

PARETO, Vilfredo. *Cours d'économie politique*. Lausanne: F. Rouge, 1896.

SPELLANE, Mary; SHERLOCK, Christine. *Color me beautiful's looking your best: color, make-up and style*. New York: Ballantine Books, 1987.

WIKIPEDIA. *Munsell color system*. 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Munsell_color_system. Acesso em: 7 set. 2025.



20^º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ZAWISCHA, Dieter. *Introduction to color*. Leibniz Universität Hannover, 1929. Disponível em:
https://www.itp.uni-hannover.de/fileadmin/itp/emeritus/zawischa/static_html/introcol.html. Acesso em: 7 set. 2025.